



Documentando a Arquitetura Neocolonial na Cidade de São Luís, Capital do Estado do Maranhão: a Residência N° 220

Lúcia Moreira do Nascimento¹

Grete Soares Pflueger²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo documentar formas de morar ludovicense, da arquitetura moderna representada na Residência n° 220 da Avenida Magalhães de Almeida, exemplo emblemático da arquitetura neocolonial no centro da cidade. As edificações na linguagem neocolonial começaram a ser construídas a partir da década de 1930, na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, representando um ímpeto de modernização, com um novo modelo de implantação, além de uma série de inovações técnicas e construtivas, que a diferenciavam da arquitetura colonial. Neste artigo estudou-se a configuração espacial e evolução, com intuito de documentar e demonstrar como esse patrimônio cultural vem sendo descaracterizado em decorrência da ausência de políticas públicas voltadas para essa linguagem.

Palavras-chave: Arquitetura Neocolonial; Residência; Patrimônio Cultural; Cidade de São Luís, Maranhão.

Documenting Neocolonial Architecture in the City of São Luís, Capital of the State of Maranhão: Residence N° 220.

Abstract: The present article aims to document forms of living in Ludovicense, of modern architecture represented in Residence No. 220 on Avenida Magalhães de Almeida, an emblematic example of neocolonial architecture in the city center. The buildings in the neocolonial language began to be built from the 1930s on, in the city of São Luís, capital of Maranhão State, representing an impetus for modernization, with a new model of implementation, as well as a series of technical and constructive innovations, which differentiated it from colonial architecture. In this article we studied the spatial configuration and evolution, with the intention of documenting and demonstrating how this cultural heritage is being mischaracterized due to the absence of public policies aimed at this language.

Keywords: Neocolonial Architecture; Residence; Cultural Heritage; City of São Luís, Maranhão.

-
- 1 Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão (1998), Mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e Doutora em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa (2020). Atualmente é professora do Ensino Básico, Técnico, tecnológico e Superior do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e professora Adjunta I do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Faz parte da rede DOCOMOMO Brasil e Internacional e ICOMOS Brasil (documentação).
 - 2 Doutora em urbanismo pelo PROURB-UFRJ, Mestre em Desenvolvimento Urbano pelo MDU -UFPE, especialista em metodologia do Ensino Superior UEMA. Professora adjunta IV do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em desenvolvimento socioespacial e regional da Universidade Estadual do Maranhão. Na UEMA exerceu cargos de diretora de curso de arquitetura, Pró-Reitora de extensão e assessora. Pesquisadora da UEMA, FAPEMA e CNPQ. Consultora Fapema, FINEP, Embrapa.

Introdução

O presente artigo busca documentar formas de morar ludovicense³ com destaque ao estudo da arquitetura neocolonial. O Neocolonial foi um estilo que buscou uma releitura da arquitetura colonial, por meio da apropriação de elementos da arquitetura luso-brasileira, a arquitetura colonial, do século XVII e XVIII, que apresentam as seguintes características: varandas sustentadas por colunas toscanas, telhados planos com grandes beirais, arremate do telhado em pluma, detalhes em azulejos nas paredes, platibandas com frontões recortados com detalhes em telhas cerâmicas tipo capa e canal, presença de coruchéus e pináculos. Esse movimento foi uma reação às linguagens importadas da Europa, em especial ao ecletismo da *Belle époque*, e aliava tradição com renovação e marcou grande parte da América Latina, Caribe e Estados Unidos, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX (SANTOS, 1981; BRUAND, 2012).

O neocolonial representou o período de resgate das tradições do passado e trazia dentro de si interesses diversos: ideológico e literário - ocorrendo simultaneamente na América do Norte e América Latina. Essa linguagem caminhou junto com as comemorações nacionais dos centenários de independência e buscava reafirmar a sua identidade e formar uma consciência nacional e latino-americana. O passado das cidades latino-americanas teve trajetórias semelhantes como: colonização ibérica, população formada pela miscigenação de povos, proximidade dos períodos de independências, fazendo surgir o interesse pela linguagem colonial, espanhola ou portuguesa, em várias regiões. Foi nesse contexto que ocorreu o resgate dos elementos decorativos da arquitetura religiosa do período colonial, mas também dos elementos ornamentais da época pré-colombiana: incas, maias e astecas (NASCIMENTO, 2020 apud AMARAL, 1994).

O Neocolonial no Brasil foi um movimento em prol de uma arquitetura própria brasileira, por meio da utilização de elementos da arquitetura colonial portuguesa, com a utilização de novas técnicas e materiais construtivos. Para Aracy Amaral (1994), o neocolonial foi um antecessor da arquitetura modernista no Brasil, por buscar uma independência cultural e por conseguir se desligar dos preceitos advindos da Europa, configurando-se uma antecipação da arquitetura modernista que viria ganhar notoriedade a partir da década de 1930. Carlos Kessel (2008) enfatiza que esse movimento não estava ligado somente a arquitetura, foi construído através de debates, ideias e ações que buscavam um novo vocabulário, que caracterizaria a nacionalidade brasileira, sendo uma reação ao ecletismo europeu. Bruand (2012) enfatiza que o neocolonial foi a primeira manifestação de uma tomada de consciência, por parte dos brasileiros, pela busca de uma arquitetura própria brasileira. Essa arquitetura, que teria a “cara do Brasil”, buscou adequar-se às condições climáticas, ambientais, técnicas e culturais de cada localidade a ser implantada em decorrência da dimensão continental e multirracial, onde cada localidade poderia apresentar características diferentes em sua arquitetura colonial; sendo possível, observar influências chinesas, árabes, espanholas, mas, predominando a portuguesa (KESSEL, 2008).

O estilo neocolonial no Brasil teve dois grandes divulgadores e entusiastas, o arquiteto engenheiro português Ricardo Severo (1869-1940) radicado em São Paulo e o médico José Marianno Carneiro da Cunha Filho (1881-1946) no Rio de Janeiro. Severo construiu várias residências, inclusive a sua, onde fez uso de elementos da arquitetura tradicional, de modo a atender todas as exigências da vida moderna. José

3 Pessoa que nasce na cidade de São Luís, capital do Estado Maranhão.

Marianno Filho foi o grande divulgador dessa linguagem, exercendo a função de mecenas da arquitetura brasileira, pois financiou vários concursos públicos, onde exigia o uso dessa linguagem, com o intuito de disseminar a arquitetura neocolonial no Brasil.

Um dos concursos que teve grande visibilidade foi para a construção dos pavilhões brasileiros para a Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, no Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2020). Esta exposição teve grande repercussão internacional, fazendo com que o neocolonial passasse a ser apreciado, tanto em termos locais como, também, pelos estrangeiros, que ficaram encantados com a excentricidade dessas construções (BRUAND, 2012). Assim, o neocolonial popularizou-se e foi instituído como linguagem nacional, conquistando o reconhecimento e admiração de arquitetos e intelectuais, que viam nele a materialização e redescoberta da cultura brasileira, através de outras expressões artísticas. É importante ressaltar que apenas seis pavilhões seguiram a linguagem neocolonial dos quatorze construídos para a referida exposição (KESSEL, 2008).

Com a popularização do neocolonial, várias edificações públicas e privadas foram edificadas nessa linguagem, que buscou resgatar formas de um passado nacional, permitindo que iniciassem debates sobre uma nova arquitetura, que vislumbrava a modernidade, e estava ligada às transformações que ocorriam na sociedade e na cultura no início do século XX. Esse movimento, também, marcou o início da tomada de consciência para a preservação e valorização da arquitetura colonial (NASCIMENTO, 2020).

A linguagem neocolonial perde força na década de 1930 para a arquitetura modernista, resistindo, praticamente, até à década de 1940, quando ainda era utilizado na arquitetura residencial. José Marianno Filho, incomodado com a evolução dessa arquitetura, fez críticas ferrenhas à mesma, que considerava uma importação europeia, que não levava em conta as particularidades da cultura brasileira. Mas, de fato, tanto a arquitetura neocolonial quanto a modernista, tinham um objetivo comum, criar uma arquitetura própria do país.

O Neocolonial em São Luís

O neocolonial chegou a São Luís por meio de filmes e revistas importadas, de moda e costumes, catálogos de arquitetura, principalmente, os advindos dos Estados Unidos, com publicações que mostravam um novo modo de morar, que lembravam as casas de campo (PFLUEGER, 2008). Caracteriza-se pela valorização da arquitetura luso-brasileira, mesmo que tardiamente, com vistas à afirmação de uma cultura própria brasileira e, apresentou-se de forma singela em edificações públicas e privadas, ganhando notoriedade a partir da década de 1940. Essa arquitetura esteve presente em edificações públicas e privadas, podendo apresentar-se em diferentes tipologias como em aeroportos, escolas e residências, térreas e de dois pavimentos.

Imagem 1. Aeroporto de São Luís, em 1940 (a); Grupo Escolar Gomes de Sousa (b) e Residência Térrea (c).



Fonte: Arquivos MAVAM/São Luís (a), Jorge, 1950 (b), e Nascimento, 2018 (c).

O Aeroporto de São Luís data de 1943 e foi construído com intuito de melhorar a comunicação de pessoas e mercadorias do Estado do Maranhão. Inicialmente, consistia numa pista de grama com cerca de mil metros de extensão, para servir de base de apoio para o exército dos EUA. A partir de então, houve uma necessidade de dotar esse aeroporto com uma estrutura que viesse a receber todo o equipamento bélico, bem como as modernas aeronaves de combate. Posteriormente, em decorrência de novas demandas, foram construídas pistas de asfalto para atender às empresas de táxi aéreo e da aviação geral. Com o término da II Guerra Mundial, o aeroporto foi entregue em 1946 ao Ministério da Aeronáutica. Em 1961 foi reinaugurado e a Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária), ficou encarregada pela administração técnica (NASCIMENTO, 2020).

Nas edificações escolares, o neocolonial fez parte de uma política de governo, pois várias instituições de ensino foram construídas nessa linguagem, como foi o caso do Grupos escolares. Os grupos escolares fizeram parte de um projeto educacional da república do Brasil, que visava a excelência do ensino primário, por meio de métodos inovadores e avançados, que contrariavam o ensino ultrapassado utilizado no período do Império. Essas construções tinham por característica “reunir em uma única edificação, todas as escolas isoladas de uma determinada localidade de acordo com o crescimento da população escolar” (AMORIM, 2015, p. 211).

Nos projetos de edificações escolares na linguagem neocolonial destaca-se o Palácio da Educação, atual Liceu Maranhense. A obra dessa escola foi iniciada em 1939, sendo entregue à população em 1941. O Palácio da Educação foi construído num terreno cedido pela Prefeitura Municipal de São Luís, por meio do decreto nº 285 de 20 de dezembro de 1937, e viria abrigar o Lyceo⁴, a escola Normal, com os respectivos

4 O Lyceo iniciou suas atividades em 1839 dentro das dependências do Convento do Carmo, na Praça João Lisboa.

cursos normal e profissional, e a diretoria de instrução pública. As obras ficaram a cargo da firma Leão, Ribeiro e Cia⁵, que no período foi responsável por outras construções na cidade. O Lyceo apresentava uma construção de dois pavimentos, formada por 4 blocos: um transversal e três no sentido longitudinal (NASCIMENTO, 2020).

Imagem 2. Palácio da Educação - Maranhão (1941).



Fonte: Coleção de postais Hugo Segawa.

Em geral, a influência dessa linguagem sobre a arquitetura ludovicense se deu em projetos de escolas e grupos escolares, mas também em edificações de uso residencial unifamiliares, podendo ser térreas ou de dois pavimentos. As casas térreas apresentavam afastamentos frontal e lateral. Em alguns casos, foi possível encontrar edificações com o modelo de implantação tradicional, onde a modernidade se deu somente nas fachadas e a configuração espacial interna acompanhava os preceitos da arquitetura colonial portuguesa.

As fachadas das edificações térreas, em sua maioria, apresentavam platibandas recortadas, encimadas com telhas cerâmicas e pináculos ou coruchéus, além de exibir elementos decorativos em azulejos, podendo possuir uma imagem sacra ou geométrica. Nas edificações mais modernas, dessa linguagem, observa-se a presença de varandas, que funcionavam como hall de entrada

As edificações com dois pavimentos, térreo e primeiro pavimento, apresentavam a tipologia de bangalôs, inspiradas não somente na arquitetura luso-brasileira, mas, também, nos estilos das missões espanholas. Essas construções soltavam-se das divisas do lote, e eram rodeadas por jardins, com acessos distintos para veículos e pedestres. Ressalta-se que essas edificações, em sua concepção, mostravam similaridades com algumas construções ecléticas no que tange à configuração espacial.

⁵ Essa firma edificou em São Luís o Liceu industrial, o Centro de Saúde Paulo Ramos, Fábrica de industrialização do Cação, Colônia dos psicopatas, palácio do comércio, agência do Banco do Brasil e agência do Instituto da estiva. Essa empresa tinha sede no estado do Rio de Janeiro e São Paulo.

Imagem 3. Antigas residências térreas e de dois pavimentos em linguagem neocolonial em São Luís.



Fonte: Nascimento, 2018 e 2021.

A maioria das edificações de dois pavimentos foram construídas com influências dos bangalôs e os ambientes eram organizados de acordo com suas funções. Algumas dessas construções apresentavam espaços típicos femininos, como a sala de costura, espaço mais resguardado, e espaços masculinos, mais expostos, próximos à rua, representado pelo gabinete (escritório) com entrada independente.

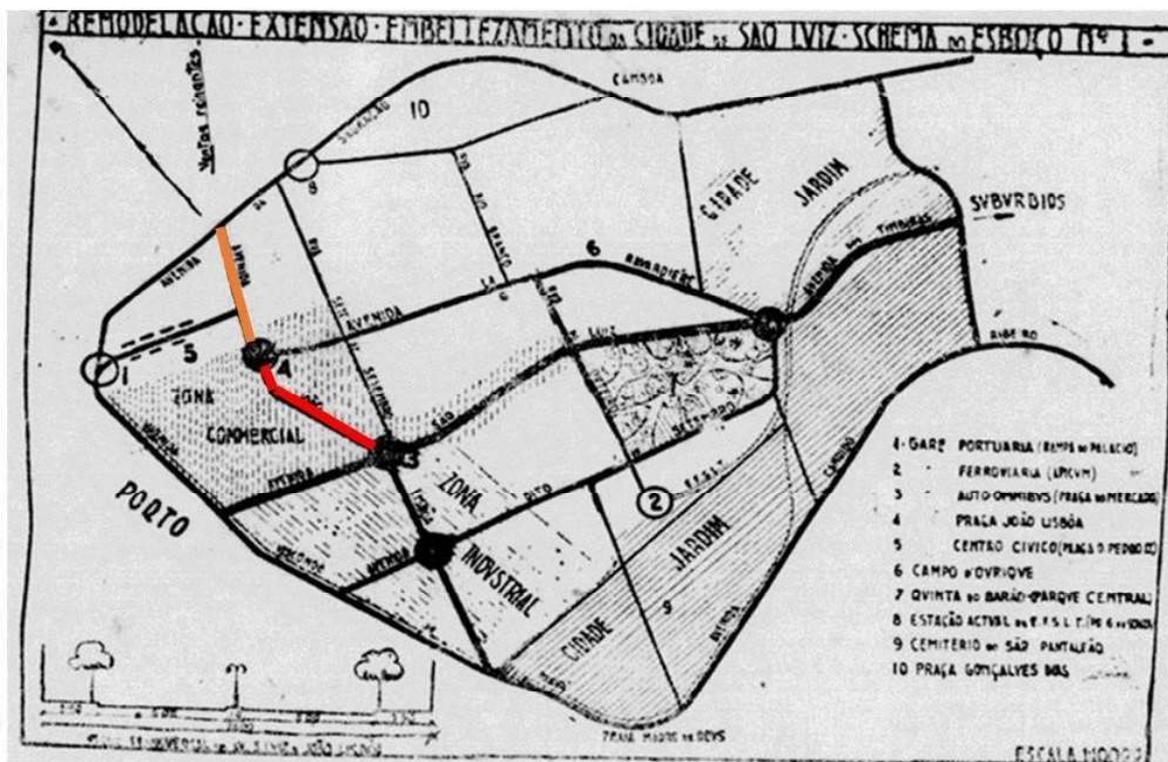
A Residência N°220

O imóvel em questão, originalmente tipo bangalô, encontra-se inserido na poligonal do Conjunto Urbano de São Luís tombado pelo Governo Estadual do Maranhão por meio do Decreto Estadual n° 10.089 de 06 de março de 1986⁶

A Residência N° 220, datada de 1949, fica localizada na Avenida Magalhães de Almeida. Esta avenida fez parte do Plano de Remodelamento, Extensão, Embelezamento e saneamento da Cidade, elaborado pelo Engenheiro José Otacílio Saboya Ribeiro (1899-1967), enquanto prefeito de São Luís (1936-1937), na gestão do Interventor Federal do Maranhão Paulo Martins Ramos (1936-1945). Esse plano previa reformas em vários espaços públicos, a demolição de estruturas urbanas ultrapassadas, com ampliação de ruas e abertura de avenidas sobre tecido urbano antigo, com intuito de dar uma feição mais moderna à cidade, mesmo que para isso houvesse a necessidade de demolir prédios com valores históricos, como foi o caso da Avenida João Lisboa ou Avenida Central, que era composta por dois trechos não associadas: a Rua do Egito e o segundo trecho, que ficou conhecido como Avenida Magalhães de Almeida, começava na extremidade da referida praça, finalizando na Praça do Mercado.

⁶ Essa área possui aproximadamente 160 hectares e engloba também a área tombada pelo Governo Federal em 1974, através do Processo n°454-T-57, inscrito no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico sob o n° 64 e sob o n° 513 no Livro do Tombo das Belas Artes,

Imagem 4. Primeiro esboço do Plano de Remodelação, extensão e embelezamento da cidade (Na cor laranja – Rua do Egito e na cor vermelha- Av. Magalhães de Almeida).



Fonte: NASCIMENTO, 2020 *apud* A cidade de São Luís, 1937, p. 01.

A Residência N° 220 encontra-se num lote trapezoidal de esquina, com área de aproximadamente 284,13 m², adquirido da Prefeitura Municipal de São Luís, por meio de escritura pública datada de 4 de dezembro de 1946, por Oswaldo Perdigão Reis e, em maio de 1962, tal edificação passou a ser de propriedade da família do comerciante Manuel Pereira de Rezende.

O projeto e execução ficaram sob a responsabilidade do engenheiro civil José de Ribamar Guimarães Casal. A edificação apresenta afastamentos frontal, laterais e posterior, de maneira a que todos os ambientes tenham ventilação e iluminação natural; e é composta por dois pavimentos: o pavimento térreo - sala de visitas, sala de estar, sala de jantar, quarto de goma, banheiro e cozinha, e o pavimento superior - sala de leitura, gabinete, três dormitórios, um terraço e um banheiro. Não existia vagas de garagem (CADEIA SUCESSÓRIA DO IMÓVEL, 2018 *apud* NASCIMENTO, 2020).

A edificação só possui um acesso, o pedonal, realizado pela Avenida Magalhães de Almeida, que se dá por meio de um portão, separando a área pública da privada. Para entrar na edificação existem quatro entradas: duas sociais e duas de serviço. O acesso pelo setor de serviço se dava pela fachada lateral direita, pela cozinha e pela fachada posterior, chegando ao corredor de serviços. As entradas para o setor social ocorriam por meio de uma escada, em decorrência de um ligeiro desnível existente no terreno, que se comunicava com o vestíbulo, conectando-se com a sala de estar e a sala de visitas, por meio de portas distintas (NASCIMENTO, 2020).

Imagem 5. Planta Baixa pavimento Térreo e Superior da Residência N°220.

Fonte: Lúcia Nascimento, 2016.

A setorização da residência, de dois pavimentos, inspirava-se nos moldes coloniais: área social, diretamente ligada à varanda de acesso, na parte posterior encontrava-se o setor de serviço composto pela copa (sala de almoço), cozinha e quarto de goma, que funcionava, também, como dependência de empregados. Conectando o pavimento térreo ao superior, tem-se uma escada helicoidal. No pavimento superior ficava localizado o setor privativo com três quartos, um banheiro, gabinete e varanda.

A composição volumétrica da edificação era formada pela associação de um volume cilíndrico, o torreão, onde fica localizada a escada, com dois volumes cúbicos: o mais alto, que englobava o setor social e privativo, e o mais baixo, o setor de serviço.

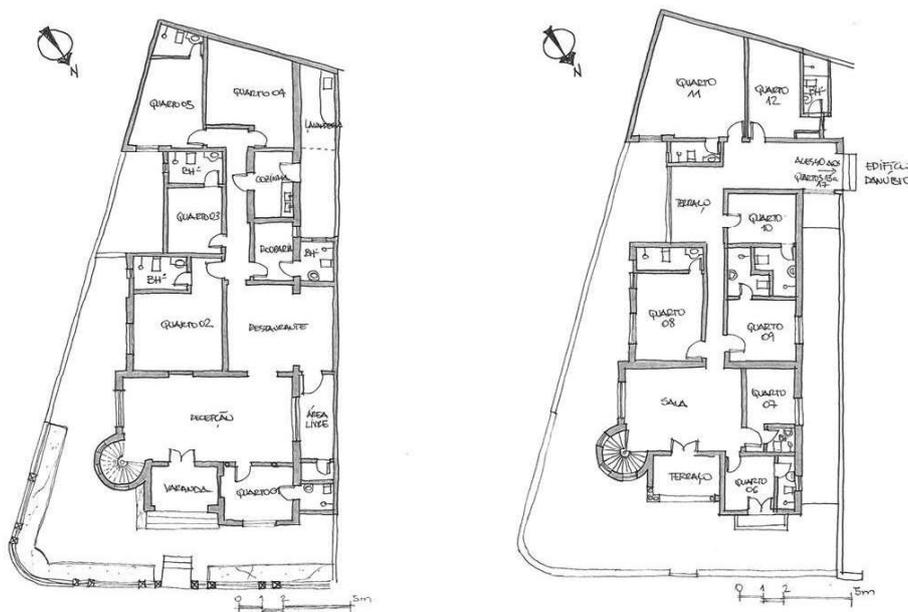
Imagem 6. Planta Baixa pavimento Térreo e Superior da Residência N°220.

Fonte: NASCIMENTO, 2020.

A fachada principal é dividida em três partes: o embasamento é revestido de pedra, acompanhando o revestimento existente no muro, com grades. O corpo apresenta vão simples com verga reta ou arco abatido, além de possuir um balcão sacado isolado, apoiado por cachorros. A varanda superior apresenta colunas toscanas, ambos com uma releitura da balaustrada encontrada em residências coloniais. O coroamento é formado por uma cimalha, onde são apoiados os beirais simples com telhas tipo capa e canal, além de um frontão sinuoso, recortado com telhas e decorado com coruchéus na sua parte superior, e no seu eixo percebe-se a presença de um pequeno quadrifólio, elementos decorativos típicos da linguagem neocolonial.

Em 2005, o imóvel passou a ser de propriedade de Milena Apolônio de Barros, que adaptou a antiga residência para receber uma pousada, a Pousada San Luís, inicialmente, com 9 (nove) quartos. Em 2010, a proprietária da pousada adquire parte do imóvel limítrofe, o Edifício Saldanha, com o intuito de aumentar o número de apartamentos para hospedagem; com isso, construiu uma ligação entre as duas edificações e o estabelecimento ganhou mais 8 unidades, totalizando 17 (dezessete) apartamentos, o que resultou numa descaracterização do interior desta construção.

Imagem 7. Planta de Situação e Implantação da Residência N°220 (2021).



Fonte: Lúcia Nascimento, 2021.

O estado de conservação deste imóvel é bom, mas, no que se refere ao estado de preservação apresenta-se muito alterado, pois, observam-se alterações na sua volumetria, com o acréscimo de área construída total, refletindo na ocupação dos afastamentos laterais e posterior do terreno. Com relação à organização espacial, o estado é péssimo, pois toda a edificação foi profundamente modificada para receber a pousada.

Essas alterações ocorreram mesmo estando a Residência N° 220 dentro de uma área tombada pelo Governo Estadual em 1986, que apresenta valores históricos e artísticos a serem preservados. Mas, em decorrência das intervenções na configuração espacial perdeu parte do seu valor histórico, pois não demonstra mais como eram o modo de morar e os ambientes de uma residência no fim da década de 1940, em São Luís.

Considerações finais

A linguagem neocolonial em São Luís foi um movimento de transição entre o ecletismo e a arquitetura modernista, que fez uso das inovações tecnológicas e dos novos materiais, mas guardou elementos da arquitetura tradicional colonial português no Maranhão, com elementos em azulejos na fachada, dentre outros elementos.

A Arquitetura Neocolonial representada pela residência N° 220, localizada na Avenida Magalhães de Almeida, mostrou que a preservação dessa linguagem se dá somente no seu invólucro externo, que vem gerando perdas irreparáveis desse patrimônio cultural, que representava um novo modo de morar ludovicense, onde as edificações soltaram-se dos lotes, todos os ambientes possuíam ventilação e iluminação natural e apresentavam ambiente diurnos e noturnos.

A fragilidade da preservação desse acervo deve-se pela falta de legislação adequada, catalogação e conservação da linguagem neocolonial, pois os órgãos preservacionistas, por muito tempo, só consideraram patrimônio cultural os imóveis provenientes dos séculos XVII e XIX, sendo necessário que todos os órgãos preservacionistas em todas as esferas: municipal, estadual e federal, passem a considerar o valor desse acervo, de forma a identificá-lo como fonte histórica e documental. Este artigo buscou mostrar a importância de se preservar, catalogar e documentar o acervo moderno, visibilizando as modernidades do século XX, através de suas diferentes linguagens e manifestações.

Referências

- AMARAL, Aracy. La invención de un pasado. In: AMARAL, Aracy (coord.). **Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina: Fundo de Cultura Econômica, 1994. p.11-18.
- AMORIM, Hananiel de Souza. A implantação dos grupos escolares nas primeiras décadas do século XX. **Saberes**. Natal (RN), v. 1, n. 12, p. 208-224, set. 2015.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- KESSEL, Carlos. **Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade**. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.
- NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. As Transformações da Avenida Getúlio Vargas na Cidade de São Luís, Estado do Maranhão (Brasil). 6ª CONFERÊNCIA DA REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA PNUM 2017, Vitória (ES). **Anais eletrônico** do 6º PNUM. Vitória (ES): UFES, 2017b, p. 537-545. Disponível: <<http://pnum2017.wixsite.com/pnum2017>>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. São Luís e a Rota do Moderno: A Produção Arquitetônica Residencial Moderna, entre 1930-1960, no Maranhão. 2020. 427f. **Tese** (Doutoramento em arquitetura), Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2020.
- PFLUEGER, Grete Soares. Arquiteturas do século XX. In: LOPES, José Antônio Viana (org.) **São Luís, Ilha do Maranhão: Guia de Arquitetura e Paisagem**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008, p.80-97.

SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro, IAB, 1981.

Submetido em: 20.10.2021

Aceito em: 15.12.2021